

Gestos grandes e pequenos passos

Vivemos num tempo de grandes gestos e pequenos passos. Recordemos como foi a viagem do Santo Padre para a Terra Santa: O Papa se abraça com um Rabino amigo da Argentina e com um islâmico amigo. Depois o Papa convida o Presidente de Israel e o Presidente Palestinense para um encontro de oração nos jardins do Vaticano. Um judeu, um cristão e um islamita, unidos no diálogo e na oração. Um grande gesto, e novamente um passo pequeno. Os passos são pequenos: Somente pequenos começos têm futuro.

O que está acontecendo no nosso mundo? As notícias mudam todo dia: massacres brutais, estupros, raptos, e crucificações no Iraque, na Síria e em algumas regiões da África, para citar somente algumas situações atuais. E em todo lugar a religião está envolvida. Tudo isto apesar do anúncio de um tempo sem religião, predito no último século. Nada disto. O novo século, como parece, colocou a religião no centro. Ela não pode ser silenciada.

Todas as religiões têm uma mensagem de paz: Shalom! Dizem uns. Salam! Saúdam os outros. Mas para quem se oferece a paz? Todos nós somos filhos de Deus, somos sua imagem e semelhança. Os “grandes” estão se entendendo nas conferências, nos encontros e simpósios. E os “pequenos” que se acham grandes, estes estão se combatendo. O abuso da religião é o grande escândalo para crentes e descrentes. O abuso do nome de Deus, começando com o grito DEUS QUER ASSIM (dos Cruzados) até o brado ALLÁ É GRANDE do terrorista suicida, é um escândalo e um desafio para qualquer pessoa que leve sua religião a sério. Já o filósofo judeu Martin Buber lamentava que o nome de Deus é abusado. Sim, ele é o nome mais ultrajado.

Se pessoas são crucificadas, se mulheres são violentadas, se seres humanos são massacrados, o que tem isto a ver com religião? Mesmo que muitos não sintam assim: estamos vivendo uma perseguição de cristãos como o mundo não a viu ainda. Fala-se tanto da dignidade humana, mas o desprezo da humanidade é grande e parece não haver barreira.

Para nós franciscanos o encontro de Francisco com o Sultão em 1219 foi um verdadeiro

desafio. Temos ali um exemplo como o diálogo entre as religiões poderia funcionar. Um grande gesto dos dois lados e um pequeno passo, que hoje é dado de novo com muito esforço por muitos irmãos e irmãs.

O Papa Francisco é um homem que não fala muito, mas age com simplicidade. Ele faz aquilo que sempre vinha fazendo. Para ele, diálogo e amizade pessoal têm mais valor do que ideologias e armas. São grandes gestos com pequenos passos. São caminhos que são andados. O seu intento não é efeito midiático. Para ele é questão do coração, se é que esta palavra ainda tem sentido.

“O que fizeram por um destes pequenos, é por mim que fizeram”, diz Jesus no sermão do Juízo Final em Mat 25, 40. E também se diz o contrário: É Jesus Cristo que encontramos em cada pessoa humana. Foi assim há 2000 mil anos atrás; foi do mesmo jeito há 800 anos atrás: e hoje não é diferente. Só começando que se faz o futuro. Pequenos passos, por insignificantes que sejam, sempre de novo sem parar, fazem parte da dimensão missionária de nossa vida.

Com isto não queremos negar que nós também transportamos uma historia que não foi sempre exemplar e digna de ser imitada. Mas nem por isto devemos ficar calados, com medo, se esta história nos é jogada no rosto. Nossa Igreja de hoje é diferente, nossas ordens e nosso mundo são diferentes, e nós também mudamos.

Muitos de nossos irmãos e irmãs no mundo inteiro são estas pessoas corajosas do diálogo e da ajuda, são parceiros da partilha e de modo especial são companheiros de caminhada dos que vivem na aflição e na angústia, sofrendo perseguição. Sua força vem da vocação pessoal, do exemplo da Ordem e do permanente confronto com o carisma franciscano (CCFMC) que lhes é caro. Somos unidos com todos que esperam nossa ajuda fraterna.

Estamos mais perto de Deus, quando nos dedicamos ao pobre, descobrindo no seu rosto a face do Redentor.

Hadrian W. Koch OFM

África – Camarão

A convivência pacífica de cristãos e islâmicos na República Central-africana não é uma ilusão.



Ir. Marceline Yenmulêh (TSSF) da Província das Franciscanas de Brixen esteve no Centro do CCFMC em Wurzburg por um ano entre 2006 e 2007. Sua Superiora Provincial Sr. Alfonsa Kiven foi por muitos anos a Coordenadora do CCFMC na África de língua francesa. Ela nos enviou Sr. Marceline por um ano para aprender o alemão e para conhecer por dentro o CCFMC. Ela fez isto com muito jeito e depois ainda estudou um ano de Espiritualidade na faculdade filosófica-teológica dos Capuchinhos em Muenster. No Centro, ela se tornou uma grande ajuda e enriqueceu nosso trabalho. A seguir, ela descreve atividades da sua Comunidade que se orientam nos conteúdos do CCFMC.

As Irmãs da TSSR da Província do Camarão ficaram muito comovidas com o massacre que trucidou islamitas em Berberati na República Central-africana. Quando este grito chegou aos ouvidos da ministra provincial e das suas conselheiras, elas conclamaram voluntárias que fossem ajudar as vítimas da guerra. Algumas mulheres corajosas e cheias de fé da congregação da TSSR logo se prontificaram para ir ao encontro das vítimas. O chamado do Papa Francisco QUANDO A MISSÃO CHAMA, O MISSIONARIO NÃO DEVERIA HESITAR DE SEGUIR deixou grande impressão nas Irmãs. Na carta EVANGELII GAUDIUM, ele impele a Igreja para LEMBRAR-SE DE SUA DIMENSÃO MISSIONÁRIA E PREGAR O EVANGELHO A TODAS AS PESSOAS, EM TODOS OS LUGARES E EM TODAS AS SITUAÇÕES. E a razão para tanto é somente que A ALEGRIA DO EVANGELHO SE DIRIGE A TODOS, E NINGUEM DEVE SER EXCLUIDO. Sejam judeus ou descrentes, islâmicos ou cristãos, negros ou brancos, todos nós fomos criados à imagem do Criador e refletimos a beleza e a bondade de Deus, como se lê em Gen 2,17. Portanto, é nosso dever, respeitar a dignidade de qualquer pessoa e cuidar, para que ninguém seja privado da ALEGRIA DO EVANGELHO. No livro FORÇA PARA AMAR, Martin Luther King sublinha o significado universal da fraternidade e do amor. Ele pede para amarmos os inimigos, porque é só o amor que pode transformar o inimigo em amigo. Mas quem REVIDE O ÓDIO COM ÓDIO FAZ COM QUE UMA NOITE SEM ESTRELAS SE TORNE AINDA MAIS ESCURA. O Papa Francisco nos admoesta que Deus tomou a iniciativa de amar por primeiro (Jo 4,1) Portanto, tomemos a iniciativa em voltar-nos ao outro e procurar quem ficou sobrando.

Movidas assim, as Irmãs do TSSR sentiram o grande desejo de levar o Evangelho aos irmãos sofredores de Berberati. Warren Wirbse escreve: “Deus nos criou e deu-nos a força de fazer o que nos cabe”. Foi assim que as Irmãs obedeceram ao impulso apesar da incerteza e da insegurança. Que exemplo de fé. Que disposição de arriscar até a vida pelo amor. Fizeram como Maria: crendo no incrível, receberam de Deus o amor protetor.

Quando receberam o chamado, as Irmãs não se perguntaram, se os aflitos eram cristãos ou não. Elas só sabiam que havia filhos de Deus no perigo de morrer de fome: a imagem de Deus estava sendo deformada nestas vítimas da guerra. Não se importavam com raça, religião, língua ou cultura. Só queriam levar amor e bondade a estas pessoas. Diz o relato da Criação que Deus fez o homem e a mulher como imagem de sua semelhança. A distinção entre judeus e não-judeus não faz parte do plano da criação. É por isto que Jesus reza: “Pai, conserva-os em teu nome...para que sejam unidos”.

A presença das Irmãs é sinal de sua maternidade espiritual, que não quer saber de religião e nacionalidade. Elas estão lutando por unidade, pela qual Jesus orou.



Este mesmo foi o desejo de São Francisco, quando surpreendeu os irmãos com a LOUCURA DO EVANGELHO. Ele quis ir ao encontro do Sultão para lhe falar de Jesus. O diálogo pacífico e amigável entre os dois culminou na oração pela paz. O Sultão, surpreendido, falou: “Oh mendigo pequeno, oh sonhador. Oxalá tivesse mais pessoas bondosas como tu, que pudessem ser um contrapeso ao ódio”. Este diálogo pacífico mostra que o convívio amigável entre cristãos e islâmicos é possível em qualquer parte do mundo.

Na lição Nr. 15 do CFFMC somos interpelados a procurar o diálogo com outras religiões. Movidas assim, as Irmãs reagiram. Sabendo que não podiam enfrentar a tarefa sozinhas, organizaram encontros de oração e jejum e marcaram missas pelas vítimas da guerra. Além disto pediram ajuda em programas de rádio pelas cerca de 800 vítimas da guerra, que acharam refúgio na casa episcopal de Berberati. O eco aos pedidos foi imediato e generoso. Assim que o primeiro transporte de suprimentos estava carregado, as Irmãs partiram para a República Central-africana, para levar aos desesperados vida e esperança. Nos fugitivos e doentes devemos ver a face de Cristo e servir a Ele, para que no Dia do Juízo não ouçamos Jesus dizendo: Eu estava com fome, doente e com frio, e vocês me ignoraram. Sim, é Jesus que está com frio e com fome, esperando por alguém que lhe dê atenção. Não podemos deixar que Deus fique no frio, no hospital, na cadeia, na sarjeta e no Ghetto, para procurá-lo nas Igrejas e nos templos. Roguemos por estes irmãos com outro fundo político e ideológico, para que possam viver como gente. Martin Luther King falou: É PRECISO SUPERAR O PESADELO DA DESUMANIDADE DO HOMEM CONTRA SEU SEMELHANTE.... ODEIE A VIOLENCIA, MAS AME O IRMÃO. Jesus nos adverte para amar o vizinho. Isto não quer dizer sentir afeição por ele, mas amar ativamente. Ele sabia que o amor é o altíssimo dom. O amor que não exige é incondicional. Ele responde ao ódio com amor, à violência com não-violência. Ele nos livra da convivência com o mal e nos prepara para colaborar com o bem. O amor nos capacita a romper com preconceitos que nos cegam e com a velha lei do OLHO POR OLHO.

Estou convencida de que em breve Deus nosso Pai amoroso há de dar um fim ao sangrento massacre na República Central-africana. Sim, há de chegar o dia em que cristãos e islâmicos viverão em paz.

Europa – Alemanha

10 anos do grupo CCFMC na cidade de Bremen, São José

A coordenadora Gertrud Smitmanns da OFS relata o seguinte:

Os membros do nosso círculo franciscano acharam uma maravilha conhecer Francisco e Clara através das Cartas do CFFMC. A convivência franciscana de 15 a 20 pessoas se desenvolveu e estabilizou. Destacou-se a lição Nr. 5 sobre a TRADIÇÃO PROFÉTICA, onde se vê a vocação de Israel

como propriedade pessoal de Deus, a vida de Jesus, o desenvolvimento do cristianismo e o mandato missionário de Jesus.

Também a lição Nr. 10 “Unidade de missão e contemplação” causou estalos de alegria em nós. A partir da lição 11 os exercícios práticos ganharam mais e mais importância, tanto assim, que foi preciso procurar aprofundamento e troca de experiência com outros. Visitamos uma mesquita e iniciamos contatos inter-religiosos. Um itinerário entre prédios com símbolos cristãos na cidade, organizado pelo nosso círculo, criou relações mais estreitas entre nós.



No dia 15 de abril de 2014, nosso grupo CCFMC de Bremen celebrou os dez anos de sua existência, olhando para traz e para frente. Este grupo nasceu num encontro regional do CCFMC no dia 13 de 9 de 2003, que teve lugar em Muenster, onde frei Andrea Mueller, no seu jeito franco e direto, fez propaganda pelo curso do CCFMC e deu início a uma renovação Francis-clariana do Norte da Alemanha. Dalí nasceram 9 grupos com uma total de 128 membros. Um décimo grupo chamado Le Celle, que se reúne desde 1999 com as Franciscanas de St. Mauritz, depois do estudo das lições do CCFMC, continua se dedicando ao estudo das fontes Clarianas, onde celebra muitas descobertas. Somos gratos pelo engajamento gratuito que Deus vem abençoando nestes grupos.

